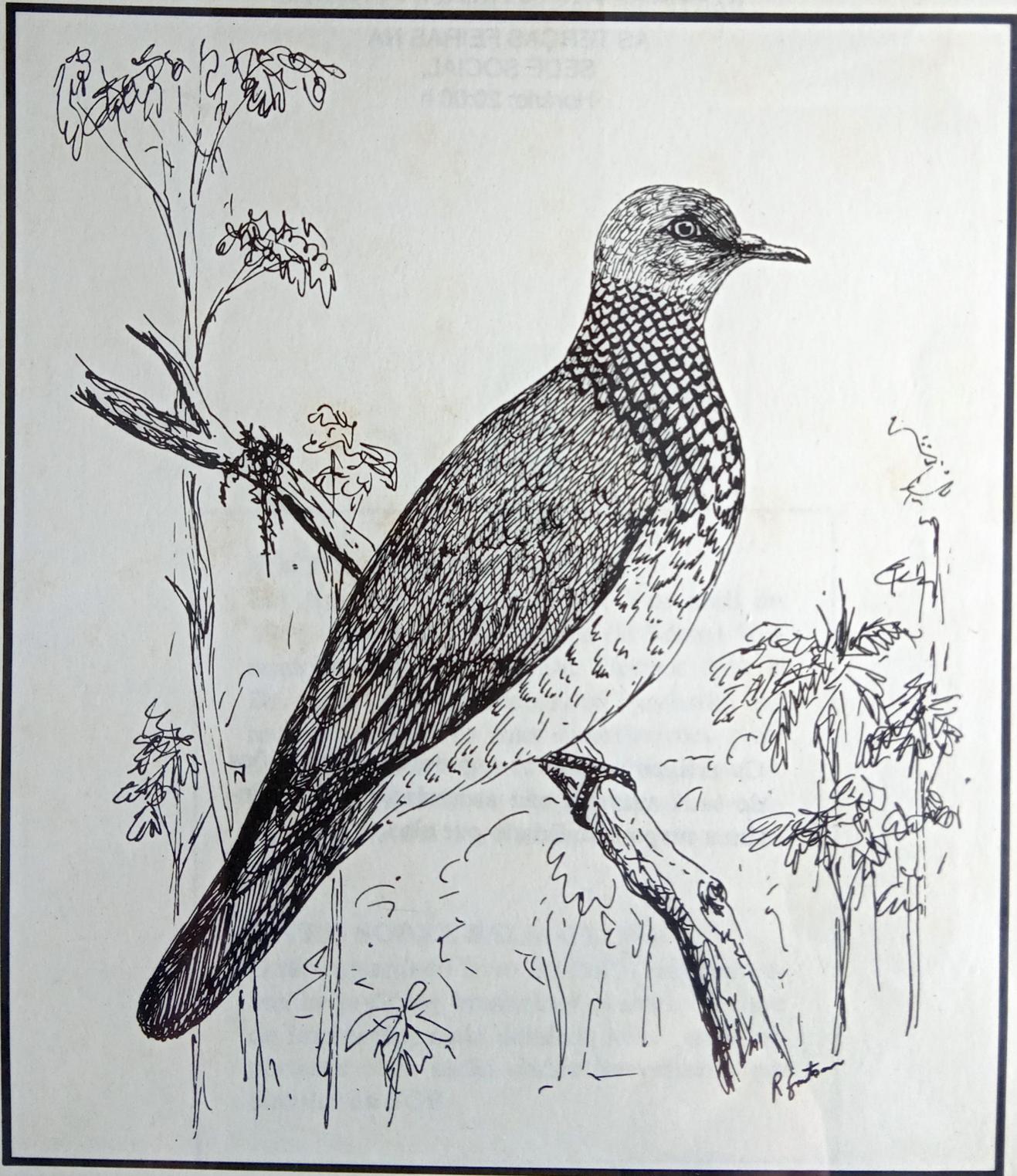




DEZEMBRO 1986 / DEZEMBRO 1988
Nº 12

SOB **BOLETIM**



**PARTICIPE DAS REUNIÕES SEMANAIS
ÀS TERÇAS FEIRAS NA
SEDE SOCIAL.
Horário: 20:00 h**

**Os artigos assinados expressam as opiniões
de seus autores, não assumindo o SOBoletim a responsabilidade por elas.**

SUMÁRIO

Uma reprodução de ararajubas em cativeiro	2
Espécies de columbídeos criados no aviário de Carlos Eduardo C. Torloni	3
Tiziu, patativas, cigarrinha-do-coqueiro ..	4
Canários-da-terra nas cidades?	10
Tratamento manual de filhotes de psitacídeos	11
Caçar passarinhos: crime inafiançável	17
Criação em cativeiro da ararauna	18

AGRADECIMENTOS

O SOBoletim agradece a todos os que colaboraram neste número, especialmente ao Rolf Grantsau, cujos desenhos valorizaram esta edição.

NOSSA CAPA

Pomba Trocal (*Columba speciosa*).
Desenho de Rolf Grantsau.

UMA REPRODUÇÃO DE ARARAJUBAS EM CATIVEIRO

Luiz Gattaz Maluf

Após vários anos de tentativas e observações, consegui formar três casais de ararajubas (*Aratinga guarouba*), concluindo que existe certo dimorfismo sexual; os machos são maiores e têm pescoços mais longos, enquanto as fêmeas têm pescoços curtos e são menos esguias. Estas diferenças só se notam nas aves adultas.

Na minha opinião, a melhor maneira de separarem-se casais é colocar três ou quatro aves no viveiro. Se entre elas houver casal, o par ficará isolado dos demais, naturalmente. Para melhor identificação dos indivíduos, pode-se fazer algum tipo de marca em cada um deles, seja através de pequenos cortes nas penas da cauda ou utilizando-se tinturas de substâncias não tóxicas ou, ainda, aninhos de cores diferentes.

Alojei três casais em viveiro medindo 1,5 x 4,0 x 2,0m (frente, comprimento e altura), e, após três anos, separei um desses casais, que transferi para outro viveiro com iguais dimensões. Essa providência não surtiu o resultado esperado, razão pela qual decidi retornar o casal isolado ao mesmo viveiro onde haviam permanecido os outros dois. Achei que não haveria brigas, pois esta espécie é muito amorosa. Enganei-me; os dois machos do primeiro viveiro não queriam aceitar o ex-companheiro, com o qual haviam convivido pacificamente durante três anos, depois de dois anos de separação. As fêmeas, por sua vez, não demonstraram alterações no comportamento em relação à reintrodução do casal que permanecera vivendo separadamente.

Como as brigas entre os machos não cessavam, decidi retirar os três do viveiro grande, alojando-os num gaiolão por poucos dias, mantendo-os às minhas vistas, para impedir qualquer briga, de forma que se reacostumassem ao convívio pacífico.

Recolocados os machos no viveiro, com suas companheiras, ali permaneceram mais dois anos sem qualquer problema, salvo o mau hábito, muito peculiar nesta espécie, de roerem as penas, uns dos outros, fato para o qual ainda não se encontrou uma explicação convincente. Durante um ano eles permaneceram com a plumagem perfeita, graças à aplicação de um "S-

pray", de procedência estrangeira, fabricado especialmente para essa finalidade, que ganhei de um amigo dinamarquês.



Entretanto, decorridos esses dois anos de coexistência pacífica, novamente o grupo passou a agredir um dos machos, que julgo ter sido o mesmo rejeitado anteriormente, que tentei por várias vezes readaptar ao grupo, sem sucesso. A agressividade era tão grande que chegaram mesmo a me atacar, quando tentei colocar o rejeitado, no viveiro, dentro de uma gaiola. A diferença é que nessa ocasião, os cinco exemplares, machos e fêmeas, se mostravam agressivos. Desisti do intento de reintegrá-lo, e permaneceram no viveiro dois machos e três fêmeas.

No viveiro eu havia colocado três caixas-ninho, duas medindo 30 x 30 x 40cm e uma terceira, mais estreita e mais alta, que media 25 x 25 x 45cm, medidas essas tomadas pelo lado externo das caixas. Recomenda-se a colocação de pedaços de madeira em decomposição no interior das caixas, para que as aves os roam e o material se acumule no fundo, à semelhança do que ocorre nas cavidades das árvores onde nidificam na vida natural.

Certo dia, meus tratadores foram atacados pelo macho líder, fato para mim inédito, que me trouxe a preocupação de verificar se não teria agredido algum de seus companheiros. Chegando no viveiro, só avistei três aves, e decidi averiguar se não teria ocorrido algum desastre, já que poderia haver alguma ave morta dentro das caixas-ninho existentes. Note-se que as ararajubas têm o hábito de permanecer muito tempo dentro do ninho. Conseguir inspecionar uma das caixas não foi nada fácil, pois enquanto o macho líder comportava-se agressivamente em relação a mim, voando de poleiro a poleiro, duas outras aves se colocaram corajosamente sobre a tampa da caixa, que só pude levantar com o auxílio de uma toalha para evitar as bica-das. Duas fêmeas que estavam dentro do ninho se colocaram à sua porta, sem fugir e com o mesmo comportamento. Pude ver ali cinco ovos e devolvi rapidamente o ninho ao seu lugar. Isto ocorreu no princípio de janeiro do corrente ano. Em meados de fevereiro, por volta do dia 12, inspecionar o ninho foi mais difícil ainda, pois o grupo estava decidido a me impedir; mal pude levantar a tampa e observar a penugem de um filhote. Ao final do mesmo mês, fiz nova inspeção e o filhote já estava bem crescido, com os primeiros "cartuchos" de penas; de tão gordo, mais parecia um filhote de pombo.

Providenciei, desde a época de nascimento do filhote, reforço na alimentação das aves: girassol, milho verde, frutas (banana, maçã, mamão etc), além de papa de arroz integral enriquecida com "Neston", "Meritene" e farinha láctea, alternando a base dessa papa, mediante utilização de pão em lugar do arroz integral.

No início de março o filhote deixou o ninho muito bem empenado, voando com desenvoltura. A atenção do grupo para com ele foi redobrada. Quando o filhote pousava sobre alguma das caixas-ninho, ao pressentir a aproximação de alguém, o grupo se comportava de maneira incrível, envolvendo-o de tal forma que era impossível enxergá-lo. Quando empoleirado, a mãe se postava à sua frente, esfregando a cabeça em seu peito de forma carinhosa e mesmo comovente.

Notei que durante esse período, o vício de roer penas foi abandonado por todo o grupo, que voltou a apresentar sua belíssima plumagem.

Durante o período em que o filhote permaneceu no ninho, as fêmeas tornaram a botar,

mas, infelizmente não nasceu mais nenhum filhote, creio que em decorrência da constante entrada e saída de todos, em sua faina de alimentar o recém-nascido.

Em setembro, mês que costuma marcar o início das posturas, havendo novos filhotes, pretendo criá-los à mão, tal como já tenho feito com diversas outras espécies de psitacídeos, procedimento muito usado no exterior, que visa aumentar a quantidade de posturas, e consequentemente o número de filhotes criados.

Acredito que, para se obterem criações bem sucedidas de ararajubas, devem-se utilizar matrizes perfeitamente adaptadas com idade não inferior a cinco anos.

ESPÉCIES DE COLUMBÍDEOS CRIADOS NO AVIÁRIO DE Carlos Eduardo C. Torloni

(sócio SOB nº 033).

(Registro no IBDF nº 46/7148-76/444/554 de 12.10.76 – Categoria Criador Amador de Pássaros Indígenas e Alienígenas.

1. **Pomba de bando** (*Zenaida ariculata crysanthenia*)

Criação extremamente fácil, tanto em ambientes (viveiros) grandes, quanto pequenos, isolada em casal ou em conjunto com aves de outras espécies. Torna-se muito mansa. Em cativeiro, reproduz-se praticamente o ano todo, com ênfase na estação quente.

2. **Pomba Asa Branca** (*Columba picazuro marginalis*)

Exibe mansidão e grande potencial à domesticação, para ser mantida solta, próxima às casas. Reproduz bem, notadamente na estação quente, aceitando rapidamente a condição de cativeiro. Prefere viveiros individuais, embora crie bem em conjunto com outras espécies, de menor tamanho. Bastante territorial.

3. **Pomba azulega** (*Columba cayanensis silvestris*)

Espécie muito mansa, tímida. Cria relativamente bem, na estação quente, preferindo viveiros individuais, embora não se mostre territorial.

4. **Pomba Trocaz** (*Columba speciosa*)

De extrema beleza, também é espécie tímida e algo assustadiça. Prefere viveiros indivi-

duais (casal), em ambiente calmo, embora crie bem em conjunto com outras espécies de pomba, inclusive grandes, por não ser territorial. Reproduz-se na estação quente.



Desenho de Rolf Grantsau

POMBA ESPELHO
(*Claravis godefrida*)

5. Pomba espelho (*Claravis godefrida*)

Extremamente atraente pela delicadeza da cor, tamanho e outras características, notadamente no macho. Em cativeiro, torna-se muito mansa, preferindo viveiros individuais (casal), embora seja de pouca movimentação. O macho é extremamente agressivo com outros da espécie, durante a estação de criação. Esta ocorre com maior intensidade no outono/inverno/primavera, reduzindo-se um pouco no verão, diferindo da maioria das outras espécies de columbídeos.

6. Rolinha azul (*Claravis pretiosa*)

De grande beleza, aparentemente só cria bem em casais isolados em viveiros individuais, mantidos em local calmo. O período de criação coincide com a estação quente, embora possa se prolongar pelo outono/inverno. Às vezes, ocorre predominância de nascimentos de indivíduos machos.

7. Rolinha vaqueira (*Uropelia campestris*)

Uma das mais belas rolinhas brasileiras, em tudo comparável às espécies exóticas mais

atraentes. Acostuma-se rapidamente ao cativeiro, embora se mostre algo assustadiça. Cria melhor em viveiros individuais, podendo permanecer em colônia de 3 a 4 indivíduos. Cria na estação quente, predominantemente.

8. Rolinha Minuta (*Columbina minuta*)

A menor de todas as rolinhas brasileiras. O macho é muito agressivo com outros machos da espécie e de outras, sendo territorial, pelo que é recomendável o isolamento do casal em viveiros individuais. Cria o ano todo, especialmente na estação quente.

9. Rolinha Picui (*Columbina picui*)

De fácil reprodução. Pela agressividade do macho, também é recomendável a separação dos casais. Cria melhor na estação quente.

OBSERVAÇÕES

1. Todos os filhotes até hoje criados, de todas as espécies referidas, foram anilhados com anéis fechados, da SOB;
2. Praticamente todo o plantel de casais reprodutores, hoje disponível, nasceu no criadouro, estando a maioria das aves anilhadas.

São Paulo, junho de 1988.

TIZIU, PATATIVAS, CIGARRINHA-DO-COQUEIRO

Ennio de Araújo Flecha

TIZIU

Nome científico: Pertencendo hoje à família *Emberizidae*, subfamília *Emberizinae* e gênero *Volatinia*, existem três subespécies deste pássaro, sendo que no Brasil temos duas: *Volatinia jacarina jacarina* (Linnaeus, 1766), que habita desde o norte da Argentina, passando praticamente por todo o Brasil até o sul da Amazônia, e *Volatinia jacarina splendens* (Vieillot, 1817), que é encontrada do sul da Amazônia até o México.

Nomes populares: Alfaiate, bate-estaca, chico-

preto, jacarina, papa-arroz, papa-arroz-preto, pinéu, saltador, serrador, serraserra, serrinha, tiatam, tiatam-preto, tietê, tiriziu, tisiu, tiziu, tiziu-do-Amazonas, tsiu, veludinho e yacarina; em espanhol: "sierra-sierra", em francês: "jacarini", e, em inglês: "Blue-black Grass-quit".



Desenho de Rolf Grantsau

TIZIU (*Volatinia jacarina*)

Vou falar aqui somente do *Volatinia jacarina jacarina*, por que é dele que tenho mutações, embora sejam muito parecidos e tenham comportamento idêntico. Medindo o macho 116 mm e pesando 9 gramas, o nosso tiziu é todo preto lustrado de azul-aço, com manchas brancas nos ombros, lado ventral escamado de creme; no dorso, manchas pardo-oliváceas. Quando na muda, perde a tonalidade azul, ficando acinzentado e entremeado de manchas pretas. Bico com a maxila cinza escuro e mandíbula esbranquiçada. Olhos marrom escuro, pernas e pés, cinza claro. A fêmea tem o lado dorsal marrom-oliva, lado ventral esbranquiçado, com garganta, peito e flancos estriados de marrom escuro. A outra subespécie é um pouco menor (112 mm), bem igual a anterior, mas com algumas penas brancas do lado do uropígio, e a fêmea é, no geral, de cor mais acanelada.

Tenho a impressão que todo aquele que já viveu ou passou pelo interior do Brasil conhece este buliçoso, alegre e saltitante passarinho que aparece nos quintais, pomares, sítios e fazendas, assim que começam as primeiras chuvas de setembro. É ele um dos arribadiços que primeiro chega, para logo em seguida surgirem os colerinhas e, por fim, já em dezembro, os bigodinhos. Nessa época com suas plumagens definidas e prontos para reprodução, acasalando-se com grandes exhibições de canto e, no caso do tiziu, com uma série de saltos que ele executa de forma interessante, pois saltita perpendicularmente a quase 1 metro, voltando em seguida ao mesmo ramo onde estava antes, soltando o seu característico canto "tii-riii-ziuuu". Com isto procura conquistar a fêmea que sempre está por perto.

Na natureza é comum se encontrar um bandinho de tizius, machos e fêmeas, nos pendões dos capins, principalmente o capim-colchão (*Digitaria ciliaris*) que eles muito apreciam, piando ou cantando insistentemente à procura do seu par. Habitam, nessa ocasião, lugares abertos como as regiões de terra gorda que já tenha sido arada para o plantio, onde fatalmente nascerão capins diversos, nos sítios, fazendas, pomares ou mesmo quintais de casas, nas cidades de interior. Pelo fato de estarem sempre pendurados nos ramos dos capinzais, existe no sul de Minas, na região da lavouras de café, uma observação negativa que se faz aos maus fazendeiros quando se lhes diz: "Os tizius estão pulando no teu cafezal!" Isto quer dizer que ele não é bom agricultor, pois não capina suas lavouras.

Fazem seus pequenos ninhos, em forma de taça, de finas raízes escolhidas com esmero, a pouca altura do solo, em pequenas touceiras ou pequenos arbustos, onde as fêmeas colocarão 2 ovos brancos, alguns pintalgados de marrom claro, medindo 14,5 X 10 mm., que serão chocados por 12/13 dias. Os filhotes, parecidos com a mãe, sairão dos ninhos em 13/15 dias e acompanharão os pais até cerca de 40 dias quando, já "desmamados", cuidam-se sozinhos.

Alimentam-se de sementes variadas de capins e de pequenos insetos, gostando muito de verduras e dos pulgões que as parasitam, nas hortas que se plantam pelo interior. Fora do período de reprodução eles se escondem nas baixadas quentes, próximas a pequenos regatos, onde fazem sossegadamente sua muda de penas, dispondo de algumas sementes para sobrevivência.

Em cativeiro é muito apreciado pelos criadores, que o mantêm em gaiolas de formato assaz interessante, pois são mais altas do que largas, para que ele possa praticar o seu pulo vertical e poder soltar o estridente canto curto e simples do seu "tii-rii-ziuu". É muito fácil sua reprodução em gaiolas, bastando uma voadeira de 70 X 40 X 30 cm., com ninho protegido por uma folhagem verde de plástico e com apenas o casal de tizius. É um passarinho pequeno, mas muito valente. Quando acasala vira um leão, perseguindo e infernizando a vida dos outros que estiverem junto com ele. Sempre que o espaço for pequeno, com pouco campo de fuga, deve-se ter apenas o tiziu. Soube de um criador de Divinópolis, em Minas Gerais, que esse passarinho matou um bicudo (*Oryzoborus crassirostris maximiliani*), com constantes e sucessivas investidas e bicadas junto à cabeça.

Os jovens, depois de 35/40 dias, devem ser separados dos pais, pois, com a nova postura, o macho começa a hostilizar os filhotes, chegando mesmo a matá-los. Talvez isto aconteça pela precocidade sexual desta espécie, uma vez que a maturidade varia de pássaro para pássaro, chegando a 3 ou 5 anos para os grandes psitacídeos e apenas poucos dias para outros. No caso do tiziu, tive um filhote que com somente 119 dias fertilizou a mãe, gerando um descendente que exibia a mutação de que era portador.

Alimenta-se muito bem de sementes de alpiste, painço, senha e niger, mais quirera de milho, areia de rio bem lavada, verduras como escarola (*Cichorium endivia*, L.) ou almeirão (*Cichorium intybus*, L.) e gema de ovo cozida, passada numa peneira fina. Quando com filhotes, acrescentar larvas de besouro do amendoim (*Palembus dermestoides*) e as larvas pequenas do *Tenebrio molitor*.

Tenho varias mutações de tiziu, como dois tipos de canela, um claro e outro mais café-com-leite; brancos; arlequins e uma raridade: um macho rubino, belo exemplar todo vermelho, inclusive os olhos. Já estão fixados os canelas e os brancos. Do rubino já tenho alguns descendentes, com os quais estou formando casais, na expectativa de nascimento de mutação igual.

PATATIVAS

Nome científico: Ainda da família *Emberizidae*, sub-família *Emberizinae*, existem 7 pássaros, dos

quais 5 no Brasil, do grupo da patativas e que são: *Sporophila plumbea whiteleyanna* (Sharpe, 1888); *Sporophila plumbea plumbea* (Wied, 1831); *Sporophila leucoptera mexicanae* (Hellmayr, 1912); *Sporophila leucoptera cinereola* (Temminck, 1820); e *Sporophila leucoptera* (Vieillot, 1817). Vamos tratar da *Sporophila plumbea plumbea* que habita desde o Rio Grande do Sul, passando pelo Brasil central até o Piauí, e a *Sporophila leucoptera* que é encontrada no Brasil central, sudoeste, Minas, Goias e Mato Grosso.

Nomes populares: A primeira antes citada é vulgarmente conhecida como: patatiba, patativa, patativa-comum, patativa-da-terra, patativa-do-bico-amarelo, patativa-do-bico-preto, patativa-do-campo, patativa-do-cerrado, patativa-do-norte e patativo. Em espanhol: "corbatita plomiza"; em francês: "sporophile gris de plomb"; e em inglês: "Plumbeous Seedeater". Já a segunda é: bico-de-milho, bico-vermelho, boiadeira, boiadeiro, chorão, chorona, cigana, cigana-do-peito-branco, papa-arroz, papa-capim, patativa-boiadeira, patativa-do-bico-amarelo, patativa-do-brejo, patativa-chorona e tuim. Em espanhol: "corbatita gris y blanca"; em francês: "sporophile a ventre blanc"; e em inglês: "white Bellied Seedeater".

Patativa

A patativa, que mede 114 mm. e pesa 10 g, é das aves cujo canto é mais apreciado, servindo o seu nome como identificação de bons cantores e cuja alcunha se dá, também, a pessoas

que se destacam na arte de cantar, como, por exemplo, referindo-se a Augusto Calheiros dizia-se: "A Patativa-do-Norte". Este pássaro é todo cinza-chumbo, ligeiramente esbranquiçado no lado ventral; partes superiores das penas das asas e caudas pretas, com bordas cinza; manchas brancas na parte inferior do bico (mento); e um espelho da mesma cor, nas asas. Normalmente o bico é preto, com olhos, pernas e pés pretos. Existe, entretanto, uma variedade com o bico completamente amarelo-ouro que costumava aparecer no meio do bando lá pelos lados de Minas e Goiás, que era tratada como raridade, pois apenas poucos indivíduos surgiam, diferentemente das que por ali habitavam ou vinham do Norte, que sempre eram do bico preto. Toda vida achei que ela seria uma variedade decorrente de um mutante, cujo bico teria sido amarelo e que espaçadamente apareceria no bando, até que, mais tarde, pude observar que em Ponta Grossa, no Paraná, só existe desta variedade, sendo, para muitos passarinhos locais, desconhecida e de bico preto. Na casa de um colecionador naquela cidade, encontrei 32 patativas, todas de bico amarelo, e pude constatar então que a fêmea também é diferente do tipo comum, pois ela tem o bico ligeiramente amarelado. Trouxe nessa época um exemplar fêmea, que acasalada com o macho que possuía, gerou filhotes, todos igualmente de bico amarelo. Assim, o aparecimento dessa variedade não é espontâneo, uma vez que somente de pais de bico idêntico nascem os filhotes iguais. Já li, ahures, sem localização científica, uma referência a essa variedade como sendo uma sub-espécie e que se denominaria *Sporophila plumbea aurantirostris*. Pode esta correto e algum estudioso poderia se interessar a penetrar no assunto. Ambas as fêmeas são pardo-oliváceas com o lado ventral mais claro, parte externa das penas das asas e da cauda marron-escuro com bordas mais claras e diferenciando-se as variedades pelo bico cor de carne da primeira e ligeiramente amarelo o da segunda, sendo esta mais clara no geral.

Vive nos campos, daí um dos seus nomes populares patativa-do-campo, frequentando, em bandos, juntamente com os caboclinhos (vide quadro de agrupamento dos *Sporophila* no SO-Boletim nº 6), os campos e várzeas próximos a pequenos riachos, pousando nos pendões das gramíneas que por ali vicejam, à cata de sementes. Faz o ninho aparentemente pequeno para seu tamanho, em forma de taça, com raízes finas

e claras, e com esmêro algo anormal para o comum dos do gênero, a meia altura do solo em touceiras de macega na orla dos cerrados ralos, que são muito comuns à sua região de vida. A fêmea põe 2 ovos de campo cinza esverdeado claro, com manchas marrons, medindo 17 X 12,6 mm., que somente ela choca por 13 dias. Os filhotes, que são pardos como a mãe, saem do ninho entre 13/15 dias e, na primeira muda já alguns ostentam penas cinzas salpicadas pelo corpo, o que os diferencia das fêmeas.

Como cantor é disputadíssimo, visto que todo passarinho que se preza possui uma gaiola com uma patativa, para se deliciar com a melodia simples mas harmoniosa do seu maravilhoso canto. Dentre os *Sporophila* é este talvez o melhor cantor, cujo canto é mais longo e floreado, vindo a seguir os caboclinhos e colerinhas.



Desenho de
Rolf Grantsau

PATATIVA (*Sporophila plumbea*)

É granívoro por excelência, sendo portanto fácil a sua manutenção em cativeiro, onde se reproduz com alguma facilidade desde que lhe proporcionem condições ideais. Um viveiro de 1 X 0,50 X 1 m seria perfeito, mas, entretanto, eu os crie em voadeira número 3, medindo 0,70 X 0,40 X 0,30 m., com ninho de corda tipo "Piracicaba", envolvido com folhagem verde de

plástico e com a alimentação consistente de: alpiste, painço, senha, cânhamo, mais areia e verduras (escarola e almeirão). Quando com filhotes, é necessário que se complete a dieta com proteína animal, fornecendo gema de ovo cozida e larvas de *Tenebrio molitor*.

Partindo da premissa de que as patativas (bico amarelo e bico preto) seriam duas variedades, considero então a primeira como mutação, já que a quantidade na natureza é muito menor e, assim, dentro do plano de trabalho que faço com a minha criação, tenho um casal, cujo macho veio de Minas e a fêmea de Ponta Grossa, que já criou e reproduziu somente filhotes de bico amarelo.

Hoje, com o fato da minha criação, nestes últimos anos, ter aumentado muito, não disponho de espaço para manter pássaros em casais com o fenotipo normal, pois o estudo que faço é da genética das mutações, mas antigamente criei e vi meu pai criar várias vezes a patativa-de-bico-preto, e nunca nasceu uma sequer que tivesse o bico amarelo.

Patativa-Chorona

Com o tamanho de 123 mm. e peso de 12 gramas esta patativa difere da anterior nos seus hábitos, tamanho e coloração. Tem o lado dorsal todo cinza, com as penas das asas e da cauda preta e bordas também cinzas e um espelho branco nas asas. A garganta e a barriga são brancos e o peito e flancos cinzas. O bico é cônico, levemente curvado, de cor amarelo córneo, os olhos marrom escuro, penas e pés cinza escuro. Isto o macho, pois a fêmea e os filhotes são pardos com o lado dorsal marrom-oliva escuro; asas e cauda com as penas escuras e bordas marrom. O lado ventral é marrom acanelado, bico, pernas e pés são marrom escuro.

Habita as várzeas, os brejais e regiões ao longo de riachos, onde se alimenta de sementes das gramíneas que ali medram em grande profusão.

Faz ninho aberto em forma de taça, geralmente nas moitas, à altura de 1 a 2 metros do solo, onde a fêmea põe 2 ovos de fundo branco azulado, pintalgados de marrom, que são chocados por 13 dias. Os filhotes, muito parecidos com a mãe, saem do ninho entre 13/15 dias, ficando dependentes ainda dos pais até cerca de 35/40 dias. Na primeira muda, após a mudança de ninhengos para jovens, os machos já ostentam pequenas manchas cinza, para na grande

muda de inverno tomarem a roupagem definitiva, característica da espécie.

Para quem gosta de toadas plangentes e tristes é excelente cantor, pois após emitir seu piado em tons de lamento "tuim-tuim-tuim", solta um trinado choroso, cadenciado com modulações ascendentes, como se fora um toque de bois nas internadas. Apreciado pelos colecionadores, é frequente encontrá-lo nas gaiolas por este Brasil a fora, embora seja de pouca resistência, pois é um dos pássaros que morrem com facilidade se não lhe dermos condições ideais e alimentação adequada.



Desenho de
Rolf Grantsau

PATATIVA CHORONA (*Sporophila leucoptera*)

Em cativeiro não é difícil sua reprodução em pequenos viveiros ou em 2 voadeiras de 0,70 X 0,40 X 0,30 m, acopladas, com ninho de corda protegido por folhagem de plástico verde, em local sossegado e com alpiste, painço, cânhamo, arroz em casca, quirera de milho, verduras, areia de rio bem lavada e água limpa renovada diariamente. Quando em época de filhotes acrescentar proteína animal, com gema de ovo cozida, que eles aprendem a comer com facilidade, e larvas de tenébrio. Nos meus tempos de rapaz, e mesmo mais tarde, quando residia no Sul de Minas, vez por outra ia buscar nas var-

zeas da região os ramos das gramíneas de que se alimentavam na natureza e fornecia às minhas patativas-choronas. Observava, então, que havia uma euforia entre elas, comiam tudo e parecia que cantavam mais. Quando estavam com filhotes, a necessidade era maior, pois basicamente alimentavam-nos com aquelas sementes.

Tenho duas fêmeas mutantes da patativa-boiadeira, uma arlequim de amarelo e outra toda branca, ambas acasaladas com machos normais, que têm botado e criado filhotes, mas ainda não consegui fixar as mutações, por serem recentes no criadouro.

CIGARRINHA DO COQUEIRO

Nomé científico: Iguamente da família *Emberzidae*, sub-família *Emberzinae* e gênero *Tiaris*, existem 17 formas de pássaros das Américas habitando desde o México até o Brasil, sendo que somente uma ocorre em nosso país: *Tiaris fuliginosa fuliginosa* (Wied, 1830), no nordeste, Brasil central, centro oeste matogrossense, e de Pernambuco a São Paulo.

Nomes populares: Canário-cor-de-ferrugem, cigarra, cigarra-do-coqueiro, cigarrinha, cigarrinha-do-coqueiro, cigarra-preta e trigolino. Em francês: "Chanteur de Cube fuligineux" e, em inglês: "Soty Grassquit".

Pássaro raramente encontrado em gaiola, pois além da plumagem sem atrativos, já que o macho é cinza escuro fuliginoso ligeiramente lavado de verde, com o centro da barriga mais claro, não é, por outro lado, cantor apreciável. A fêmea e os filhotes são pardo-oliváceos escuro, com a barriga e infra-caudais amarelo-ocre. Mede 120 mm. e pesa 14 gramas. Bico preto, um pouco cônico, com a mandíbula mais clara no macho e amarela na fêmea. Olhos, pernas e pés marrom escuro.

Este passarinho teve seus dias de glória, quando esteve em muita evidência, há alguns anos atrás, sendo exportado para a Europa clandestinamente, em grandes quantidades, porque os canaricultores, na ânsia de produzir um canário (*Serinus canaria*) preto, tentaram cruza-

mentos com várias espécies, notadamente com este, sem lograr, todavia, resultado positivo.



Desenho de
Rolf Grantsau

CIGARRINHA DO COQUEIRO (*Tiaris fuliginosa*)

Consta que chegaram a cruzar seus canários sucessivamente com o tiziu (*Volatinid*), pintasilgo (*Carduelis - Carduelis atrata*) e a cigatrinha em questão, sempre em vão, felizmente. Informou-me um mercador de aves, há bastante tempo, ter enviado, de uma só vez, duas mil destas cigarrinhas para a Europa, por encomenda de canaricultores da Itália. Isto foi mais absurdo e mais uma ação criminosa que se praticou contra as nossas aves. As autoridades embora sempre alertas para essa barbaridade, não têm podido coibir o comércio clandestino que existe em larga escala no Brasil, principalmente o da remessa para o exterior, onde nossas aves alcançam preços exorbitantes, nos mercados da Europa e dos Estados Unidos. Para se ter uma idéia, espécies endêmicas do Brasil perigosamente ameaçadas de extinção, que são muito fiscalizadas aqui, como a *Cyanopsitta spixii*, *Anodorhynchus leari*, *Amazona brasiliensis* e *Amazona pretrei*, para citar apenas algumas delas, existem hoje em

maior quantidade nos zoológicos e criadores da Europa e Estados Unidos do que entre nós. Até há poucos anos, os ornitólogos da Europa só conheciam o nosso *Amazona brasiliensis* através de fotos, e uma ou outra pele dos museus; mas hoje já se tem notícias de vários deles contrabandeados para lá, apesar de toda uma parafernália de leis, acordos e convenções que se têm feito ultimamente. Também é uma profissãozinha antiga e difícil de acabar essa de se vender pássaros, uma vez que, na própria Bíblia, no Evangelho de São Mateus, Cap. 10, versic. 29 já está: "... Porventura não se vendem dois passarinhos por um asse:..."

Voltando à nossa cigarrinha-do-coqueiro, pouco se escreveu sobre ela, mais pela falta de interesse maior. Entretanto na natureza é um alegre e desvolto passarinho, frequentando com grande alarido de piados sucessivos os capinzais onde se pendura nos pendões para comer suas sementes. Raramente entra na mata fechada, somente ali se arriscando quando os taquarais amadurecem seus frutos.

Faz o ninho em forma de taça, nas touceiras à beira das matas, do mesmo tipo dos de *Sporophila*, onde a fêmea bota 2 ovos, que são chocados por 13 dias. Os filhotes são parecidos à mãe, um pouco rajados, lembrando os jovens *Sicalis flaveola*, e no fim de um ano já estão com a plumagem definitiva.

Tenho um mutante todo branco, recentemente introduzido no meu criadouro, parecendo-me macho, que vou acasalar com uma fêmea vinda da região de São João da Boa Vista, esperando obter sucesso com a sua criação.

sivo de espécies de aves está adaptado às condições existentes nesse ambiente. Na minha opinião, essa lista poderia ainda sofrer um acréscimo muito valioso para os amantes da natureza: refiro-me ao canário-da-terra, *Sicalis flaveola* (Linnaeus, 1766). De fato, as minhas observações pessoais, e, acredito, as de muitos dos leitores, mostram que, nas áreas rurais, e mesmo nas cidades pequenas, o canário-da-terra não evita a proximidade do homem, antes a procura, aproveitando-se de suas edificações para a localização de seus ninhos e consumindo o alimento fornecido a outros animais (ver Marcondes-Machado 1980 e referências aí contidas).

Por que então não o encontramos nas grandes cidades? Uma razão possível é a ausência de alimentos disponíveis, particularmente nas áreas mais densamente urbanizadas. Note-se, porém, que outras espécies de aves, cujas exigências alimentares se superpõem do canário-da-terra, são encontradas, até em populações numerosas, nas nossas grandes cidades (Marcondes-Machado e col. 1987). Parece-me claro que o obstáculo é, na realidade, outro. Por tratar-se de pássaro de canto e colorido atraentes, e de captura extremamente fácil, além de ser um dos mais tradicionais "pássaros de gaiola" de nosso país, o canário-da-terra é tão intensamente caçado que seu número parece estar diminuindo mesmo nas regiões rurais. De fato, a minha experiência pessoal comprova essa opinião. Há mais de vinte anos venho tentando, de forma esporádica, a introdução desse pássaro na cidade de São Paulo. Muitas vezes consegui que um casal permanecesse por semanas e até meses habitando os arredores de minha casa; em uma ocasião o casal chegou a iniciar a construção do ninho. Era uma experiência emocionante acordar cedo e ouvir o macho cantando do alto de uma árvore – em plena cidade de São Paulo! A história, porém, terminava sempre da mesma forma: com o "sumiço" primeiro de um e depois do outro membro do casal... Em um dos casos pude identificar o caçador, um vizinho, e tentei dialogar com ele. Obtive então a informação de que "passarinho solto é para ser caçado mesmo" – frase cujas profundas implicações filosóficas me deixaram imerso em meditações sobre os mistérios teleológicos da cinegética, tendo como conclusão a minha decisão de não mais soltar passarinho nenhum enquanto perdurasse tal relação de vizinhança.

No momento em que escrevo, há uma fêmea de canário-da-terra habitando as adjacências de minha casa; tem estado por aqui há uns dois

CANÁRIOS-DA-TERRA NAS CIDADES?

José Alberto Marcondes Machado

"Parece escusado explicar uma coisa de si tão simples e intuitivamente compreensível. Sucede, porém, que a estupidez humana é grande, e a bondade humana não é notável".

Fernando Pessoa

Existe atualmente uma impressão, mais ou menos generalizada, de estar ocorrendo um aumento no número de espécies de aves encontradas nos grandes conglomerados urbanos brasileiros. Embora o assunto seja controverso (Figueiredo 1986), não há dúvida de que um número expres-

meses, alimentando-se e bebendo em uma gaiola que coloquei, com as portas abertas, num beiral de telhado. Há uns quinze dias apareceu acompanhada de um macho, manso e cantador. Coloquei caixas – tipo ninho de periquito australiano – na esperança de que aninhassem. Dois dias depois, entretanto, o macho deixou de aparecer. Como das vezes anteriores em que isso aconteceu, não pude deixar de pensar na irracionalidade da situação: há uma pessoa, agora, que tem um canário-da-terra em casa, numa gaiola – provavelmente meio esquecido em algum canto. Se essa pessoa não o houvesse aprisionado, poderia, da mesma forma, vê-lo e ouvi-lo. Eventualmente, se o casal se reproduzisse, poderia até ver e ouvir outros canários-da-terra. Tudo isso, sem trabalho e sem despesa, se assim o desejasse. E a mesma satisfação poderia ser usufruída pelos demais moradores da região!

A factibilidade da introdução do canário-da-terra é apoiada não só pela minha experiência pessoal, como por pesquisas realizadas de criação em semi-cativeiro (Buschinelli 1971) e de repovoamento (Marcondes-Machado 1980). Essa factibilidade, entretanto, existe apenas do ponto de vista da biologia e da etologia do pássaro, não encontrando correspondência na “etologia” do *Homo sapiens*... A aqueles que, apesar disso, quizerem juntar-se a mim nesse esforço, ofereço algumas sugestões:

Para começar, obviamente, é necessário dispor de um casal de canários-da-terra. Coloque-os numa gaiola sob um beiral. Observe que sejam “mansos”, isto é, que não se atemorizem com a proximidade de seres humanos, e que estejam acasalados. Depois de estarem acostumados ao local, e de preferência na época de criação, coloque comedouro e bebedouro sobre a gaiola, e uma ou mais caixas para ninho nas proximidades (em beirais, árvores, etc.). Solte então o macho. Se tudo correr bem, ele permanecerá nas redondezas, e voltará frequentemente para a gaiola, sobre a qual encontrará alimento e água; poderá também começar a explorar as caixas de ninho. Deixe que se acostume com a região por alguns dias. Depois, então, solte a fêmea. Deixe a gaiola no mesmo lugar, com as portas mantidas abertas (por meio de poleiros, por exemplo). Retire a comida e a água que estavam sobre a gaiola, deixando apenas as do interior (isso diminui a possibilidade de concorrência por parte de pardais, que não apreciam entrar em gaiolas). Não deixe que falte comida – assim é menos provável que se sintam atraídos por eventuais alçapões... Se você gozar

de bom relacionamento na vizinhança, procure explicar seus objetivos e, quem sabe, até engajá-la na empreitada.

Aos que, embora simpatizando com a idéia, não queiram participar de um esforço com tão poucas possibilidades de sucesso, um pedido: se receberem a “visita” de algum canário-da-terra, não o aprisionem; se possível, coloquem à sua disposição comida e água. Talvez, com isto, estejam fazendo jus aos agradecimentos de algum vizinho “maluco”...

REFERÊNCIAS:

- Buschinelli, A. 1971, Ciên. Cult. 23, 163.
Figueiredo, L. F. de A. 1986, boletim CEO nº 2, 3.
Marcondes-Machado, L. O. 1980, Tese de doutoramento, USP, São Paulo
Marcondes-Machado, L. O., Argel de Oliveira, M. M. e Eston, M. R. de 1987, Aves Urbanas Séries I e II, Estação Ciência, São Paulo.

TRATAMENTO MANUAL DE FILHOTES DE PSITACÍDEOS

Carlos Gasparian Keller

Os psitacídeos usam como ninho para procriar, cavidades em ocos de pau ou termiteiros. Seus filhotes portanto necessitam de um local escuro e abrigado para se desenvolverem. Devemos destinar a eles uma caixa escura, com ventilação por cima, como local de manutenção. Uma caixa de aproximadamente 30 cm por 30 cm por 20 cm de altura é boa para a maioria deles.

Caso o leitor queira também criar na mão algumas araras, uma caixa maior poderia ser usada, e a adição de algumas repartições internas deslizantes dividiriam a caixa em compartimentos menores, que poderiam acondicionar em outras circunstâncias, psitacídeos menores como papagaios, aratingas ou periquitos. O uso dessas repartições, também é útil para não se misturar ninhadas. Dessa forma, em caso de muitas ninhadas a se tratar, ao separá-las, além de se evitar a transmissão de doenças, os requisitos de trato para cada uma ninhada será o mesmo, não sendo necessário que se perturbe a ninhada com tratos descompassados para cada uma.

Os psitacídeos costumam permanecer dentro do oco do pau adotado como ninho, agrupados em uma situação relativamente aglomerada.

Recomendamos portanto, que se use uma caixa quadrada, pois assim os filhotes podem usar o canto para se apoiar quando juntos, sentindo-se mais seguros.

Como substrato ou material absorvente para as fezes dos filhotes, recomendamos ou carvão ativado usado para aquários, pré-lavado, ou a serragem. O carvão tem a propriedade de ser mais antisséptico e absorvente, mas por sua vez é mais contundente para a pele delicada das espécies menos robustas. É também relativamente caro para ser substituído diariamente, como é o recomendável.

A serragem nos parece ser o substrato ideal, pois se assemelha muito ao natural. Na natureza, os psitacídeos roem o interior da cavidade usada como ninho para alargá-la no seu interior e acomodar melhor a prole. O cavaco da madeira proveniente do que foi roído, cai no fundo do oco, onde formará o substrato.

A serragem deverá ser peneirada antes de ser usada, pois o pó que a acompanha poderá aderir às narinas e olhos dos filhotes, causando entupimento ou irritação, assim como poderá causar infecções pulmonares. Uma certa maceração na serragem, depois dela ser depositada na caixa, evitará o aparecimento de farpas. O substrato da caixa deverá ser trocado diariamente para se evitar a contaminação por fungos ou micróbios, que certamente são prejudiciais aos filhotes. Na natureza, os ocos dos paus têm o cerne semi-podre, o que o torna bastante poroso. As fezes quase líquidas dos filhotes são absorvidas para baixo através desse material poroso absorvente mantendo o ninho sempre seco.

No caso da caixa de filhotes, ou se coloca uma tela de peneira em seu fundo, ou troca-se o substrato diariamente, o que é o mais indicado. O excesso de luz deixa os filhotes inquietos. Com a luz eles permanecem em constante movimento, e em estado de alerta, gastando energia desnecessariamente.

Recomendamos, portanto, que se tape a caixa com uma tampa provida de furos para aeração, sem no entanto deixar seu interior muito claro. Para tanto recomendamos que se faça para a caixa, uma tampa com dobradiça, feita de Eucatex já perfurado, à venda em qualquer loja de material de construção.

Chegamos agora à parte mais importante do artigo: a temperatura e a higiene.

Erroneamente ao que muitos pensam, não é o tipo ou qualidade da alimentação o fator mais importante na criação de filhotes, mas sim o

estado natural do alimento e a higiene. É muito importante que tudo o que for usado na alimentação dos filhotes, como colheres, seringas, pratos, etc., seja esterilizado. As mãos devem ser lavadas, de preferência com um bom detergente ou germicida (Fisioex).

O material usado, pode ser mergulhado em álcool. Tudo isso previne o azedamento precoce do alimento. Caso hajam muitos filhotes a serem tratados, recomendamos que se ponha à disposição um aposento exclusivo para eles, livre de outros animais.

A comida tem que estar fresca. Qualquer indício de deterioração ou azedamento é fatal para as aves.

Os psitacídeos possuem um grande papo, onde o alimento é armazenado e depois passa a ser digerido gradativamente. Se o alimento oferecido estiver em início de deterioração, ele continuará a se deteriorar dentro do papo da ave formando uma espécie de bolo duro, que impedirá o processo de digestão, ao mesmo tempo que a matará por intoxicação. O alimento deverá, portanto, além de fresco ser de fácil digestão (com referência a isso, falaremos mais adiante e a respeito de sua consistência).

Desde quando é ingerido, o alimento começa a deteriorar na papo da ave, mas antes que isso chegue a ser prejudicial, ele já é digerido. Por outro lado, um fator como a baixa temperatura pode atrasar ou paralisar a digestão, dando tempo ao alimento, de formar o tal "bolo - mortal".

Como o leitor pode ver, a manutenção da temperatura alta na caixa é de primordial importância para a vida dos filhotes.

Além da paralização da digestão, podem ocorrer outros agravos, como por exemplo a pneumonia.

Na natureza, os psitacídeos geralmente habitam zonas quentes do globo, e escolhem como troncos ou termiteiros para seus ninhos, os aquecidos pelo sol. A temperatura do interior do ninho portanto é bastante alta, girando ao redor de 35°C.

Na zonas mais frias, um dos pais permanece aquecendo os filhotes enquanto o outro busca alimento. O mesmo se dá em locais em que o alimento está disponível a grandes distâncias.

Para aquecer o ninho, poderia ser usada uma lâmpada com certo sucesso, Infelizmente, o excesso de luz, mesmo o de uma lâmpada colorida, não é recomendado como foi dito anteriormente.

O uso de resistência, não recomendamos, pois é de complicada instalação e difícil controle.

Em ambos os casos mencionados acima há também o problema do superaquecimento que só pode ser controlado por um termostato. Como os termostatos de ambiente são muito caros e difíceis de serem encontrados, recomendo o aparelho abaixo, feito com termostato de aquário:

Pega-se uma garrafa de vidro, que tenha boca larga o suficiente para caber por ela o termostato e o aquecedor de um aquário. Para tanto, recomendamos a antiga e hoje rara garrafa de leite, ou mais fácil, a garrafa de vinho chamado "Bom Sol". O vinho não é lá essas coisas, mas a garrafa é ótima para nossos propósitos, pois possui boca bastante larga. É fácil de se encontrar em qualquer loja de aquários, um tubo de vidro onde há dentro uma conjunção de aquecedor (em baixo) e termostato (em cima) tudo regulável por um pino na parte superior. Dentro do tubo, também há um termômetro, visível através do vidro.

É importante que o leitor saiba que nunca se deve ligar o aquecedor de aquário fora da água, pois o excesso de calor poderá explodir o vidro, causando graves conseqüências. A garrafa escolhida deverá ser cheia de água até a boca, e pela mesma, deverá o leitor inserir o tubo do aquecedor conjugado com o termostato. O excedente de água sairá para fora, deixando um mínimo de espaço vazio. Uma pequena câmara de ar deverá existir, para dar lugar à dilatação da água aquecida.

Depois de tudo seco, o termostato mais aquecedor poderá ser colado na boca da garrafa, com um selante à base de epóxi ou silicone, de forma que a água não possa deramar para fora, nem o tubo cair para dentro. Uma vez isso feito está pronto o aquecedor para os filhotes, que poderá ser fixado e amarrado em um dos cantos da caixa e conectado em uma tomada. É importante que a garrafa esteja bem fixada no canto da caixa, para não ser derrubada pelos filhotes, que irão roer o fio elétrico e causar um curto circuito.

A garrafa pode ser amarrada pelo gargalo com um arame que passa através de furos feitos na borda da caixa. Para o controle da temperatura não deve ser usado o termômetro, mas sim um outro termômetro fixado na parede interior da caixa, oposta à garrafa, que medirá a temperatura ambiente, e não a da água da garrafa.

A água da garrafa, por sua vez, estará muito mais quente na sua parte superior do que na inferior. O leitor deverá ter como base, ao examinar pelo toque, a porção inferior da garrafa, à qual os filhotes têm acesso. Quanto ao manuseio

do termostato, quando a temperatura ambiente da caixa atingir o valor desejado, o leitor deverá girar o pino de controle, de forma que a lâmpada piloto do mesmo fique no ponto "liga-desliga" (para maiores informações consultar as instruções que acompanham o produto).

Quando o filhote estiver atingindo a idade aproximada de 60 dias, ele irá começar a tentar subir para a borda da caixa. Está na hora de libertá-lo do aquecimento, começando a diminuir o calor da garrafa gradativamente. Dois a três graus por dia é o suficiente, até se chegar à temperatura ambiente. Para facilitar o leitor, damos abaixo uma tabela de como deve estar a temperatura, em relação à idade do filhote:

Dia 1	- 37,5°C
Dia 2 até 10	- 35 a 36°C
Dia 10 até 60	- 29°C
Filhotes já empenados	- 21 a 23°C

Ao se tocar com a mão a ponta das asas do filhote, segurando-a entre o polegar e o indicador, o leitor facilmente poderá sentir se está fria ou muito quente. Esse é um bom método para se medir a temperatura do filhote. Se estiver fria, o calor deve ser aumentado. Se o filhote estiver muito agitado e de coloração mais avermelhada que o normal é um indício que a temperatura está muito alta.

Após os 60 dias de vida, alguns amazonas, curicas e algumas aratingas maiores, estarão habilitadas a voar para a borda da caixa quando a tampa estiver levantada. Esse é o indício de que o leitor deverá transferi-los para uma gaiola.

A gaiola não precisa ser espaçosa, mas de preferência a porta deve ser larga para que o filhote esteja mais acessível ao manuseio. Também é necessário que se cubra a gaiola com um pano, não muito escuro, para que a ave não fique atraída pelo que a cerca. Colocar a gaiola em um local abrigado e calmo também é uma providência recomendável. Para casos de climas frios ou quedas bruscas de temperatura, aquecer os filhotes com o calor de uma lâmpada é de vital importância (nesse caso a luz da lâmpada já não é tão prejudicial). A lâmpada ideal para esse propósito é a de carvão pois gera muito calor e pouca claridade. O uso de um refletor ajuda a evitar que se disperse o calor. Infelizmente a lâmpada de carvão é importada (no caso de São Paulo ela pode ser encontrada na rua Santa Ifigênia).

Da mesma forma que a dependência ao aquecimento foi gradativamente eliminada o mesmo se deve dar ao contato com a luz.

O pano pode ser trocado por um pano branco, e finalmente retirado.

Devemos evitar toda a mudança brusca do meio ambiente, pois provoca "stress". Uma coisa que não deve ser acelerada é a independência alimentar. Na natureza, os filhotes ainda são tratados pelos pais, como reforço, mesmo quando já sabem comer sozinhos. Nós devemos fazer o mesmo.

Os filhotes, nessa época, parecem mais adultos do que realmente são, e uma interrupção brusca na alimentação manual será fatal. O que deve ser feito, é uma interrupção gradativa, com uma diminuição nas vezes ao dia que o filhote é tratado. Daremos mais detalhes adiante, quando estivermos falando do alimento propriamente dito.

Agora que a caixa e a temperatura já foram definidas, vamos ao terceiro item, também importante: o tipo de alimento a ser fornecido. O principal fator do alimento é a boa digestibilidade. O alimento deve ser leve. Para tanto, a consistência do alimento deve ser bastante líquida. Como termo de comparação a consistência deve se assemelhar à do caldo de feijão, ou à da sopa de ervilhas.

Essa consistência deverá ser alterada quando o filhote começar a comer sozinho. Ela deverá se assemelhar, no caso, a um "doce de côco de colher": Um bom teste é o de se encostar o fundo de uma colher na superfície da papa, e ao se levantar a colher, a papa formará uma pequena protuberância pela aderência. A necessidade de uma consistência mais grossa é devido a dois fatores: o primeiro, é que o filhote já começará a beber água por si próprio, não necessitando de tanta água no alimento, e o segundo, é que como ele estará comendo sozinho, não haverá mais o auxílio de instrumentos na alimentação e uma consistência grossa é mais fácil de segurar com o bico (só há exceção para os loríes, que sempre preferirão o alimento líquido).

A fórmula básica para o tratamento de filhotes de psitacídeos deverá ser a polenta de milho. Essa polenta terá de ser muito bem cozida, para se evitar azedamento futuro. Recomendamos que o leitor use a "Polenta" ou "Milharina" ao invés de fubá, pois aquelas são pré cozidas, e ficam prontas em menos tempo, evitando-se o risco de servir ao filhote um alimento ainda semi cru.

A polenta deverá ser feita com água e não com leite, e deverá ser guardada em geladeira e refeita todo dia. A cada tratada pega-se um pedaço de polenta, leva-se ao fogo e adiciona-se leite

ou água, até se obter a consistência líquida. Para facilitar, vamos considerar a polenta como sendo a parte A da alimentação. Vamos agora à parte B: à polenta, ao se tratar a ave, deverá ser adicionada a parte nutritiva da alimentação, sendo que esta deve possuir vitaminas, sais minerais, aminoácidos, proteínas, etc.

Para tanto, recomendamos ao leitor que faça a mistura de produtos citados abaixo, mantendo-os em um recipiente com tampa, para melhor conservação. Todos os produtos são em pó, para assegurar-se uma boa durabilidade. Essa mistura em pó, dura por bastante tempo se for mantida bem seca.

Mistura em Pó (Parte B)

- . 4 partes de Neston (sais minerais)
- . 3 partes de Farinha Láctea (para dar "corpo")
- . 1/2 parte de Levedo de Cerveja (anabolizante)
- . 3 partes de Dextrosol (energético)
- . 2 partes de Meritene (sabor baunilha) (vitaminas e proteínas)
- . 1 parte de Casec (caseinato de cálcio) (proteína adicional)
- . 1/8 parte de Osopan (cálcio)

Os aminoácidos ainda são novidade no Brasil, sendo difíceis de se encontrar. O que usamos chama-se "Vivasorb" e é um produto alemão do laboratório Pfrimmer + Co. Como desconhecemos a apresentação do produto nacional, vamos nos abster de estipular doses, mas recomendamos que o leitor utilize o produto com parcimônia, seguindo a bula à risca, pois um pequeno excesso pode causar prisão de ventre. Os produtos citados acima são encontráveis em supermercados, com exceção dos 3 últimos, que podem ser encontrados em farmácias.

Uma vez tendo a parte A pronta na geladeira e a parte B guardada em um recipiente próprio, vamos ao procedimento do preparo do alimento para cada vez que a ave for tratada:

Retira-se um pedaço de polenta da geladeira e a ela se adiciona leite ou água. O leite corre o risco de azedar com muita facilidade, não sendo recomendável em época de calor. A polenta mais o leite ou a água devem ir ao fogo, e o leitor deverá desmanchar o bloco de polenta, misturando-o com o líquido, sendo que o líquido deve ser adicionado gradativamente até se obter a consistência desejada.

A mistura em pó pode ser adicionada tanto na hora de se fazer a polenta, ficando dentro dela portanto, ou com a água ou leite, na 2ª fase do processo. Pessoalmente preferimos fazer uso dessa segunda alternativa, pois assim a mistura em pó sofre menor aquecimento. Adicionar-se a mistura em pó direto na polenta dá menos trabalho, mas pode haver desperdício. A adição de Nystatina em pequenas doses no alimento pode evitar o aparecimento de fungos (o remédio Micostatim líquido é um que oferece a Nystatina em um veículo bastante adequado).

A fervura é necessária pois mata as bactérias, mas não deve ser muito longa pois fará com que as propriedades da mistura em pó e dos remédios se percam ou diminuam. Outra adição muito boa à fórmula, é a do "yogurt". O "yogurt", além de auxiliar na digestão, adiciona ao intestino a tão necessária flora intestinal. O "yogurt" não precisa ser usado todo dia, bastando ser usado periodicamente.

Quando os filhotes ficam mais velhos, às vezes eles rejeitam a papa. Muitas vezes a causa disso é a falta da variação no gosto do alimento, que os enjoa. O advento de algumas frutas batidas auxilia na variação. O mamão é o mais indicado pois suas propriedades laxativas aceleram a digestão. Ao se oferecer a papa aos filhotes, ela deve estar morna, em uma temperatura superior à do corpo. A temperatura ideal está entre 40º e 41º centígrados. O leitor deverá cuidar para que a papa esteja com essa temperatura de forma integral. Ocasionalmente manchas mais quentes poderão queimar o papo dos filhotes.

O material usado para se alimentar os filhotes, tanto pode ser uma seringa quanto uma colher com as laterais curvadas para cima por meio de um alicate.

A seringa deverá ter sua saída, por onde se conecta a agulha, alargada por meio de um arame aquecido (no caso de seringas plásticas). De outra forma, a papa não passará pelo orifício de saída. A seringa usada na decoração de bolos também é muito útil.

No exterior, já existem seringas apropriadas com bico feito especialmente para esse propósito. Geralmente, os filhotes quando ainda pequenos aceitam com mais facilidade o alimento fornecido por uma colher, mas quando estão mais velhos, uma seringa tornará o trato mais prático e fácil, pois dada a sua aceitação, ela injeta uma maior quantidade de alimento no papo da ave. No caso do uso da seringa, a papa deve ser oferecida devagar pelo canto do bico da direita para es-

querda, acompanhando os movimentos de deglutição feitos pelo filhote. Caso contrário, ela poderá obstruir a entrada do esôfago, afogando a ave.

Para filhotes de lories, a seringa é contra indicada, devendo ser usada a colher até o fim de sua criação (Luiz Maluf, informação pessoal). O papo não deve ser cheio até o máximo pois além de alargar a pele, é possível que haja uma obstrução da saída do alimento, pois o papo se dobrará em baixo. Caso o alimento azede dentro do papo, será necessário retirá-lo através de sucção, usando como material solvente o leite morno. Uma seringa com uma mangueirinha e movimentos de massagem irão ajudar a retirar o alimento azedo. Nunca ponha alimento novo em cima do velho. O alimento velho irá servir de coalho para o novo, azedando tudo. O melhor é alimentar em doses não muito grandes, e esperar acabar tudo, isto é o papo ficar inteiramente vazio, para se administrar outra dose de alimento.

É muito importante que haja o movimento de deglutição feito pelo filhote, caso contrário como já disse, o alimento entrará pelo pulmão a dentro. O movimento de deglutição pode ser estimulado, caso necessário, através de pressão com os dedos. Para os psitacídeos neotropicais, essa pressão deverá ser exercida nas laterais do bico, na parte mais saliente.

Para os psitacídeos australianos, o ponto que estimula o movimento de deglutição se localiza na ponta do bico. À medida que os filhotes vão ficando mais velhos, os períodos de trato podem ficar mais espaçados, e a digestão fica mais lenta. Para se ter uma idéia, damos abaixo uma tabela com os períodos de trato e horários.

Filhotes de

1 a 7 dias : Tratar a cada 2 horas, das 6 da manhã às 11 da noite, com uma tratada adicional às 3 da manhã.

Filhotes de

7 a 21 dias : Cada 3 a 4 horas das 6 da manhã às 11 da noite.

Filhotes de

21 a 42 dias: 3 vezes ao dia (caso o papo se esvazie logo, pode ampliar para 4 vezes).

Filhotes de

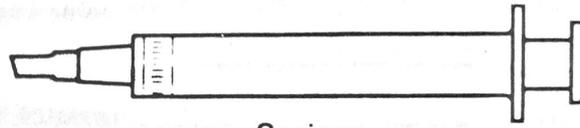
42 a 56 dias: Duas vezes ao dia

Filhotes de

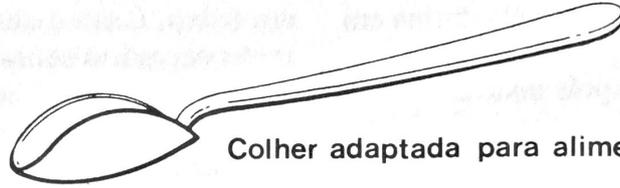
56 dias em

diante

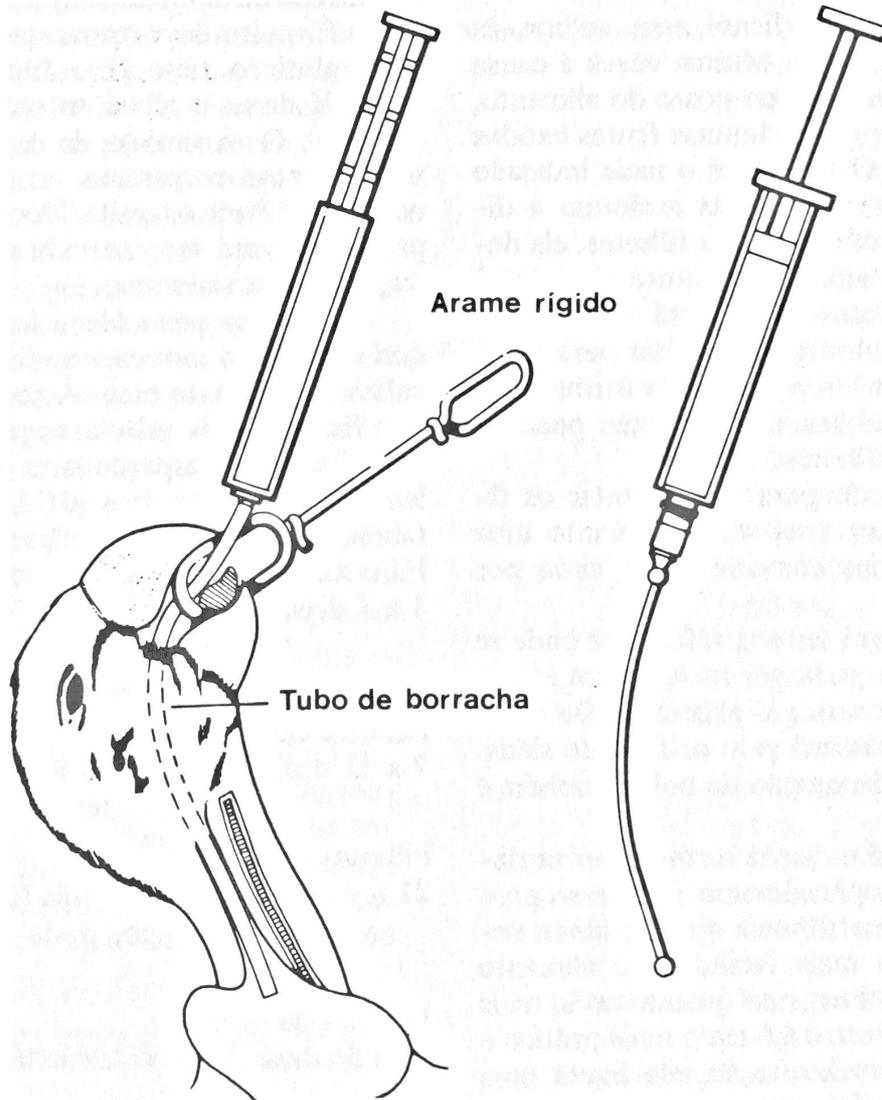
: Uma tratada no final da tarde.



Seringa



Colher adaptada para alimentação



Arame rígido

Tubo de borracha

Retirada de alimento azedo através de tubo de borracha acoplado à seringa.

Quando o filhote se aproximar dos 60 dias de idade, o leitor deverá tentar induzi-lo a comer por si próprio. A essa altura ele já estará em uma gaiola. Na gaiola, na altura do poleiro, o leitor deverá instalar um cocho com as sementes e frutas aos quais a ave deverá se acostumar. A papa também deverá estar ao seu alcance.

O filhote, por curiosidade, irá brincar com as sementes, principalmente após a tratada do dia, e acabará por comer alguma coisa. O leitor deverá aproximar o filhote para tratá-lo; procurando fazer com que ele o acompanhe com o bico, até o mais próximo possível do cocho, até fazer com que ele retire o alimento do cocho. Com o tempo, a temperatura da papa deverá ir diminuindo até chegar à do ambiente.

Após cada tratada, os remanescentes de papa que sujaram a face e o bico da ave, inclusive o papo, deverão ser limpos pois irão secar e formar uma crosta azeda. No caso do bico, essa crosta ao aderir poderá provocar ulcerações.

Quanto à água, só recomendamos seu uso quando os filhotes não mais necessitarem de aquecimento artificial. Eles adoram se banhar e acabam se resfriando ou apanhando uma pneumonia. Use de preferência um cocho em que o filhote não possa entrar. Condenamos terminantemente o uso de anéis. Muitas vezes o anel corta a carne da ave, outras vezes a ave o amassa com o bico, apertando-a sobre o tarso. Ficar com o anel preso na grade da gaiola não é incomum. É muito difícil de se tirar o anel do pé de uma ave. O risco de se quebrar a perna é grande.

Caso o leitor necessite mesmo de aplicar um anel, o melhor é o de borda arredondada (não existe desse tipo no Brasil). Como último conselho, recomendamos o que é lei geral com animais: não mexer!

Os filhotes precisam de sossego e sono entre as tratadas. É necessário que o deixem dormir ao máximo, não o excitando com brincadeiras. Só se pode brincar com os filhotes, após o sexagésimo dia de vida.

Para os leitores mais acomodados, que acham que nossos conselhos são perfeccionistas, e citam os filhotes de papagaio à venda em feiras como exemplo disso, temos, primeiro, que esses papagaios são criados em locais muito quentes, como Amazonas ou Bahia, dispensando aquecimento. Segundo, que a maioria dos que chegam vivos às feiras, apresentam ossos quebrados por falta de cálcio e sais minerais, e um evidente raquitismo. Terceiro, que para cada dez papagaios que chegam à feira vivos, morreram pelo menos

cincoenta filhotes.

Para se tratar filhotes no bico, um preparo prévio e um certo perfeccionismo não é nada mau. Para os cuidadosos portanto, desejamos sucesso, e para os menos cuidadosos, recomendamos apenas que guardem os animais mortos pois suas peles têm muito valor para a ciência.

CAÇAR PASSARINHOS: CRIME INAFIANÇÁVEL

VATERBY COUTO MARCONDES

Há muito que se reclama da fragilidade das normas protetoras da vida silvestre no país, sendo as deficiências de tal ordem, que levaram à beira da extinção a quase totalidade da fauna.

O mais eficiente instrumento legal de que se dispunha, era a Lei de Proteção à Fauna (Lei nº 5.197), editada em 03 de janeiro de 1967, portanto há 21 anos atrás, a qual considerava a caça ou apanha de espécimes silvestre mera contravenção penal, punível com pena de detenção de três meses a um ano de prisão simples ou a multa de um a dez salários mínimos.

É evidente que o grande número de processos administrativos instaurados para a cobrança das multas conseqüentes às infrações, na maioria das vezes com atuações em flagrante, esbarrava no exagerado número de feitos existentes nos Órgãos competentes, o que praticamente inviabilizava o cumprimento da norma.

E nem se fale quando da instauração de inquéritos policiais visando enquadrar algum contraventor: via de regra, por conseqüência ao volume de processos em andamento, o inquérito era arquivado porque já fulminado pela prescrição, face ao transcurso do tempo entre a autuação e a remessa ao Ministério Público.

Porém, em 1981 surgiu a primeira arma para um posicionamento mais seguro quanto à preservação do meio ambiente, incluído no amplo conceito a proteção de todas as formas existentes na natureza, animal ou não: referimo-nos à biota, cuja proteção é expressa na Lei nº 6.938 de 31 de Agosto de 1981, a qual dispõe sobre a Política Nacional do Meio Ambiente. É certo que um grande passo foi dado.

Após a edição daquele diploma legal, é promulgada em 24 de Julho de 1985 a Lei nº 7.347, a qual disciplina a AÇÃO CIVIL PÚBLICA de responsabilidade por danos causados ao meio ambiente. É de se notar que dentre as

inovações introduzidas por essa lei, encontra-se a autorização às Associações específicas, constituídas há mais de um ano, em participar da lide visando à reparação do dano.

Todavia, para satisfação de todos os interessados em preservação, notadamente as Associações ligadas à ornitologia, foi promulgada em 12 de Fevereiro de 1988 a Lei nº 7.653, que modificou radicalmente a Lei 5.197 de 1967, transformando a singela contravenção penal em crime apenado de reclusão e inafiançável, sendo o fato delituoso apurado mediante processo sumário.

Explicamos melhor. Essa lei altera os artigos 27, 33 e 34 da Lei nº 5.197/67 e acrescenta outros dispositivos, sendo de se notar que doravante, assim deverá ser entendido: será processado e poderá ser condenado a pena de reclusão de dois (2) a cinco (5) anos aquele que utilizar, perseguir, caçar ou apanhar espécies da fauna silvestre, mesmo em propriedades particulares; incide ainda nessa mesma pena quem comercializar espécimes vivos da fauna silvestre (animais, aves, passarinhos etc.) ou produtos e objetos que impliquem na sua caça, destruição ou apanha; ainda incide à mesma pena aquele que se dedicar à caça profissional ou comercializar espécimes vivos da fauna silvestre ou ainda negociar com produtos ou objetos que impliquem na caça, perseguição, destruição ou apanha de quaisquer espécies; é evidente que o comércio e/ou a apanha de pássaros silvestres inclue-se nesta rubrica e sujeita o autor do delito à pena de reclusão.

Pelo novo dispositivo, está sujeito a um processo e passível da pena de um (1) a três (3) anos em regime de reclusão, aquele que introduzir no país espécies estrangeiras sem o prévio parecer técnico favorável e a licença de importação expedida pela Autoridade competente.

Concluimos este breve comentário, dizendo que as leis de há muito reclamadas estão em pleno vigor, e resta-nos agora cobrar às Autoridades responsáveis o seu cumprimento, pois só assim poderá ser salvo o mais valioso patrimônio nacional: a vida silvestre.

CRIAÇÃO EM CATIVEIRO DA ARARAUNA

Ramon Noegel

Poucas pessoas perceberam a existência

de araraunas apresentando colorações diferentes: a mais comum, azul escuro ou azul cobalto e a mais rara, azul claro iridescente. Vi centenas de araraunas importadas nos últimos 30 anos, sem mencionar cerca de 20 exemplares que mantivemos aqui em "Life Fellowship" e muitas de outras coleções. Até o presente momento, não tenho conhecimento de alguém que tenha comentado este fato. Além do mais, alguns exemplares, não raramente, apresentam penas brancas. Um dos nossos exemplares possui 3 longas penas caudais muito brancas, que persistem há mais de 3 anos. Tive a oportunidade de observar um exemplar de rara beleza, na América do Sul, cuja cauda era toda branca. Das 8 araraunas mantidas atualmente, aqui em "Life Fellowship", 2 são de coloração azul iridescente, unanimemente apontadas como as mais bonitas, e outros 3 exemplares apresentam este brilho nas cabeças e nos dorsos.

Esta arara, criada desde pequena, é a mais inteligente e afeiçoada de todas. Infelizmente, poucas pessoas tiveram a oportunidade de conviver com um filhote de ararauna e sentir sua afeição. Há muitos anos fomos procurados para cuidar de 2 filhotes importados, os quais, posteriormente, acabamos adquirindo. Ficamos com um exemplar e, esta ave, criada na minha residência, tornou-se tão apegada, que não havia meios de detê-la. Esta foi uma das poucas aves que lamentamos não ter conservado conosco.

Ao contrário das araras-piranga, canindé e vermelha, esta não é criada com frequência em cativeiro. Os primeiros criadores foram Ralph e Tina Small, de Brookfield, Illinois. Criaram 9 destas maravilhosas aves, aproximadamente no mesmo número de anos. Outros que obtiveram sua reprodução uma ou duas vezes, encontraram dificuldades do casal em criar todos os anos. Desejamos transmitir nossa experiência, para que outros possam se beneficiar.

Em outubro de 1979, visitei Dr. Bernard M. Lavime, proprietário do "Pet Farm, Inc.", em Miami, o qual perguntou-me se "Life Fellowship" desejaria 2 araraunas, como doação do "Parrot Jungle", que tinham o vício de arrancar as penas. Respondi afirmativamente. Explicou-me que eram machos, sexados cirurgicamente, tendo se constatado neste procedimento que as aves estavam impossibilitadas de reproduzir, em consequência da má formação dos testículos. Estávamos, entretanto, dispostos a tentar a reprodução com estas aves e solicitamos ao Dr. Levine que vendesse-nos uma fêmea. Ele tinha,

na ocasião, apenas uma fêmea jovem na sua coleção e não se mostrava disposto a vender qualquer uma das fêmeas adultas. Compreendemos e aceitamos sua oferta em ceder a jovem. As duas aves procedentes de "Parrot Jungle" chegaram lá adultas, em 1962 e foram mantidas juntas até 1976, ocasião em que foram removidas da visita pública, em consequência de terem adquirido o vício de arrancarem as próprias penas. Foram então sexadas, constatando-se que eram machos. Providenciamos um viveiro resistente para manter as 3 aves, pois os machos mais velhos destruíram as acomodações em que se encontravam. Este viveiro foi construído utilizando-se tela galvanizada e soldada, fio nº 9, de 2x4 polegadas, o qual funcionou satisfatoriamente para todas as nossas araras, embora algumas retirassem os grampos e anéis de fixação. Impedimos a fuga recobrando as junções com arame comum, fio nº 14, amarrando de tal forma que as aves não tivessem acesso aos grampos e anéis, soltando-os. O viveiro das araraunas mede 6x8x6 pés (1,8x2,4x1,8 metros – largura, comprimento e altura, respectivamente) e está suspenso cerca de 20 polegadas (aproximadamente 50 cm) acima do nível do solo. Utilizamos como ninho um grande barril de madeira, apoiado horizontalmente sobre um tambor de óleo e situado externamente ao viveiro, de modo a possibilitar a inspeção. Encerrados os preparativos em dezembro, as 3 aves foram introduzidas em seu novo ambiente. Logo constatamos que um dos machos apresentava dominância em relação às outras aves e uma vez que nos haviam assegurado que nenhum dos machos apresentava condições de reprodução, removemos o mesmo, para que as outras aves não fossem importunadas. Assim que foi removido, observamos uma intensa atividade por parte do casal remanescente, inclusive a copulação. Consideramos interessante este fato, levando-se em conta que o macho foram sexado e constatada sua infertilidade, sendo a fêmea ainda um exemplar jovem. O casal passou a permanecer muito tempo no ninho e a partir do momento que a fêmea passou a consumir grande quantidade de alimentos, sabíamos que seu organismo preparava-se para formar ovos. Nossas esperanças aumentaram, mas ainda persistia o problema do diagnóstico em relação ao macho. Constatamos a presença do primeiro ovo no dia 3 e o segundo no dia 6 de abril de 1980. Devido à agitação da fêmea e à sua permanência prolongada fora do ninho, os ovos foram deixados aos cuidados de

uma galinha, com remotas esperanças de que estivessem fertilizados. Por ocasião da inspeção, através do ovoscópio, durante o 7º e 10º dias de incubação, tivemos a surpresa de constatar a presença de vasos sanguíneos no 2º ovo. Após 25 dias de incubação, o ovo foi transferido para a nossa incubadeira onde ocorreu a eclosão, no dia 3 de maio. Os ovos eram menores do que de outras araras, que eclodem normalmente, aqui em "Life Fellowship". O filhote estava tão desenvolvido que ocupava todo o volume do ovo e tinha, em consequência, a cabeça deformada ou comprimida. Foi necessário ajudá-lo a livrar-se da casca e sobreviveu apenas 16 horas. A fêmea botou mais dois ovos, nos dias 15 e 18 de maio. Mais uma vez, somente um dos ovos apresentava-se fértil e foi transferido para um ninho de arara piranga, juntamente com seus dois ovos. A eclosão ocorreu no dia 13 de junho, totalizando 29 dias de incubação. Embora tenha nascido concomitantemente com os filhotes da ama, a ararauna apresentou um desenvolvimento mais lento, apesar de ser bem alimentada por seus pais adotivos. Decorridos 3 dias tivemos de removê-lo, pois os filhotes de arara-piranga duplicaram em tamanho e temíamos que pudessem prejudicá-lo durante o período de alimentação. Cresceu satisfatoriamente e foi mantido junto a um filhote de anaã. Greg Moss e eu levamos as duas aves a uma viagem de Tampa à Pensilvânia e daí a Las Vegas, em julho e agosto, durante o período de 3 semanas, em que permanecemos hospedados em hotel. Durante a viagem foram colocados sob meu assento e, em consequência dos gritos que emitiam, chamavam a atenção dos demais passageiros que lançavam olhares curiosos em nossa direção. Fingi não tomar conhecimento do que ocorria, dirigindo, ao mesmo tempo, olhar de reprovação às pessoas sentadas à minha frente, desviando a suspeita em direção às mesmas. As aves cresceram consideravelmente durante as 3 semanas e passaram a ocupar todo o espaço disponível do pequeno transporte fornecido pela companhia aérea. Greg Moss, também de "Life Fellowship" e eu permanecemos ocupados, durante as 3 semanas, com estas duas pequenas criaturas. Foram observadas por muitas pessoas na Convenção Americana de Avicultura, em Las Vegas. Aqueles que já tentaram criar filhotes de ararauna até o estágio em que se alimentam por si próprios, estavam surpresos com a rapidez com que as nossas aves aprenderam a comer. Isto foi obtido, quando tinham 9 semanas de idade, ad-

ministrando no bico uvas amassadas do tipo "concord" (raw crushed concord grapes), pão integral umedecido, pedaços de banana madura e milho verde. Em uma semana estavam disputando, entre si, maior quantidade dos alimentos citados acima, e tivemos de adotar cuidados especiais em relação à quantidade deixada na gaiola, pois a pequena arara alimentava-se a ponto de sobrecarregar o papo. Pedriscos eram adicionados na fórmula alimentar para assegurar a digestão de alimentos sólidos. O atual proprietário desta arara nos enviou muitas fotos de seu animal de estimação, que reina absoluto em seu lar. Aos 6 meses parece maior que os pais e tem vocabulário fantástico de 30 palavras.

Este ano aguardávamos ansiosamente o início da reprodução das araraunas, que estava atrasado, em virtude do clima extremamente seco aqui na Flórida. Neste intervalo adquirimos outra fêmea, para formar um casal com o macho solitário, e mais 2 casais. A fêmea do casal reprodutor botou o primeiro ovo, este ano, no dia 15 e o segundo dia 19 de maio. Eram grandes, porém ainda menores que os da arara-piranga. A fêmea do casal de arara-piranga que no ano anterior havia incubado os ovos da ararauna, novamente botou na mesma época, tornando possível usá-los outra vez, como amas. Os dois ovos férteis eclodiram nos dias 10 e 14 de junho. O último ovo eclodiu na nossa incubadeira, pois os pais adotivos estavam ocupados alimentando 3 filhotes, permanecendo fora do ninho por longos períodos. O casal da ararauna iniciou a 2ª postura, de dois ovos, no mesmo dia em que nasceu o primeiro filhote (10 de junho). Estes ovos foram confiados a outro casal de arara-piranga, cuja fêmea havia feito uma postura 5 dias antes e no momento em que escrevo este artigo (22 de junho) ambos estão férteis. Tudo indica que este casal fará uma 3ª postura este ano. Caso se confirme, deixaremos os ovos aos seus cuidados, pois tenho um sentimento de culpa pelo fato de tê-los removido. Os filhotes de arara são criados com certa facilidade desde o 1º dia, uma vez tratados adequadamente, porém os filhotes de ararauna são mais sensíveis que os de arara-piranga ou canindé. Normalmente requerem mais tempo para digerir, crescem mais vagorosamente e necessitam de mais calor até empenarem. Uma das condições mais importantes é não encher o papo em demasia. É muito difícil seguir esta recomendação, uma vez que são ávidos para se alimentarem. É preferível alimentá-los com maior frequência e menores

quantidades, quando o papo está vazio. É importante manter sempre o papo flácido, de maneira a permitir a sua contração normal, evitando-se a retenção e deterioração de alimentos, o que pode causar a morte dos filhotes. Excelentes instruções, de autoria de Ralph Small, Velma Hart e Keneth Wyatt, a respeito de fórmulas alimentares e a maneira de administrá-las, podem ser encontradas, na edição revisada de 1978, do livro "Parrots and Related Birds" de Bates and Busenbark, revisado por Dr. Matthew Vriends. Seguindo suas instruções corretamente, não teremos maiores problemas na criação de filhotes de araraunas.

Não nos julgamos detentores do segredo da criação da ararauna em cativeiro, mas até o momento obtivemos maior número de ovos férteis, em um determinado período, do que qualquer outro criador que conhecemos, o que nos parece ser um indício de que estamos realizando trabalho correto (6 ovos férteis em 14 meses). Em relação à idade em que atingem a maturidade, muitas informações errôneas são decorrentes de mera especulação. Uma ararauna criada no Zoológico de Houston botou aos 49 meses de idade. Isto parece coincidir com a idade que as outras araras atingem a maturidade, colocando abaixo a teoria de que as araraunas devam ter, pelo menos, 10 a 12 anos de idade para procriar. A dificuldade, no passado, era não se dispor de um par corretamente sexado. Em relação ao sexo de uma ave, salvo se botar ovos, não há uma certeza, mas tão somente especulações. Felizmente, a sexagem endoscópica veio contribuir decisivamente para acabar com tais especulações.

Nossa dieta para araras consiste de: girassol; ração para cães; frutas; vegetais crus; côco; queijo "cheddar", oferecido duas vezes por semana e ovos mexidos, com casca e tudo, liquidificados e bem cozidos, também oferecidos duas vezes por semana. Sanduíches de pasta de amendoim, preparados com pão integral, são bem aceitos. Vitamina líquida e óleo de germe de trigo são misturados à pasta de amendoim, antes de ser passada sobre o pão. Esta dieta garante uma nutrição adequada para todas as nossas aves. Outros psitacídeos que se alimentam da dieta acima, com exceção do côco, são: anacã, ararajuba, araras (vermelha, canindé e piranga), papagaios (gênero Amazona), jandaias, ecletus e cacatuas.

Para assegurar o futuro dessas maravilhosas araras, em cativeiro, deve-se dar mais

ênfase à criação desta espécie.

Tradução: Paulo Tomimori

O artigo original foi publicado na revista "American Cage-Bird Magazine", volume 54, nº 2, de Fevereiro de 1982, às páginas 3 a 6.

Observação: Embora não mencionados no texto original, tudo indica que o autor se referiu às seguintes espécies:
Anodorhynchus hyacinthinus (ararauna)
Ara ararauna (arara-canindé)
Ara macao (arara-piranga)
Ara chloroptera (arara vermelha)

DESTAQUES

SÓCIOS HONORÁRIOS

Em Assembléia realizada em 6 de abril de 1988 a SOB atribuiu títulos de Sócios Honorários aos biólogos Dr. Helmut Sick e Dr. Luiz Octavio Marcondes Machado, em reconhecimento as suas contribuições para o conhecimento da avifauna brasileira. A data da cerimônia de entrega dos títulos será comunicada oportunamente a todos os sócios.

LIVRO SOBRE BEIJA-FLORES

O tão aguardado livro do Rolf Grantsau sobre beija-flores brasileiros já está em fase de impressão; mais detalhes sobre essa importante obra serão dados brevemente em circular da SOB.

O SOBOLETIM é órgão oficial da

**S O C I E D A D E
O R N I T O L Ó G I C A
B A N D E I R A N T E**

Rua Domingos de Morais, 2829 - S/3
04035 - São Paulo (SP)
C.G.C. 62.789.318/0001-50